

## Um tipo de casa rural do Distrito Federal e Estado do Rio

Pouco se tem escrito sobre a casa portuguesa, e pequena é a importância que os historiadores lusitanos vêm emprestando à arquitetura civil do seu país, mesmo àquela do tempo em que floresceram as melhores manifestações artísticas de Portugal. Muito menor ainda é a atenção que nós, brasileiros, temos dispensado, até agora, à nossa história da arquitetura, pelo menos da que não seja arte religiosa e barroca.

De um ponto de vista mais geral, pode-se mesmo afirmar que a arquitetura civil nunca, através dos tempos, mereceu as honras de uma análise à parte, mais original e sistemática, mais íntima e compreensiva do que aquela sempre perturbada pelas influências das artes religiosas da mesma época. Isto se deve, em primeiro lugar, ao próprio conceito de arquitetura que, entre os críticos e estudiosos do assunto, jamais se exprimiu em termos bastante claros; conceito que é, na sua forma menos complexa e mais precisa, o de um espaço útil, limitado artificialmente e animado por uma arbitrária disposição de formas imitadas da natureza ou criadas pela imaginação. Aquela falta deve-se também ao imperfeito conhecimento do que representa a arquitetura como atividade do espírito, nos complexos fenômenos de multidão que explicam a existência das comunhões sociais.

A predileção pela arquitetura religiosa resulta naturalmente das reações que sobre o sentimento sempre provocam o grandioso e o imprevisto, – e que facilmente ultrapassam o limiar da sensibilidade humana, despertando o culto pelo herói e pelo gênio, pelos *monstres sacrés*, para generalizar a expressão do poeta Jean Cocteau. E à grandiosidade da obra está ligada a grandeza do gênio, do ser admirável e raro, louvado e enaltecido como um mágico, quase como um Deus.

Na arquitetura civil, entretanto – quero me referir àquela da simples casa de habitação, não a dos palácios e edifícios públicos – a personalidade do projetista se perde na multidão, como que se apaga para deixar apenas sensível o gosto popular e coletivo. Por isso o interesse diferente que deve despertar no pesquisador, que então não pode mais considerar o edifício como um ser isolado e valendo por si mesmo, e sim apenas como uma “figura” de um “campo” definido e limitado.

Abre-se assim ao estudioso a iniciativa de conhecer a estrutura interna desses “campos”, de caracterizar esses domínios pelas suas diversas condições de natureza, de técnica ou de cultura, de definir os seus limites e de classificá-los.

É o interesse por esse sentimento de “campo”, revelado na arquitetura civil, que faz despertar pelos bairros da Lisboa antiga, como Alfama e Mandragoa, uma especial e constante curiosidade. Foi a importância dessa mesma visão de conjunto que motivou da parte do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o tombamento integral de algumas cidades mineiras e, em muitas outras, a apreciação de aglomerados urbanos como um todo. O estudo, porém, dessa arquitetura coletiva está sendo feita lentamente. Ao engenheiro francês Luís Vauthier cabe, entre nós, talvez os primeiros trabalhos de certa importância sobre o assunto; nas suas cartas publicadas em 1853, agora traduzidas por D. Vera M. F. de Andrade e transcritas neste mesmo número da revista – vêm descritos com grande senso de observação e minúcia os principais tipos de habitação em Recife da primeira metade do século 19. O escritor Gilberto Freyre, no ensaio que escreveu sobre os mocambos do Nordeste e em vários outros capítulos de livro seus, ocupa-se de arquitetura relativamente a esse mesmo ponto de vista; em números anteriores dessa revista foram publicadas contribuições valiosas para o conhecimento de alguns pormenores dessa matéria, que oferece por todo o país bem variados aspectos: o do

Sr. Lúcio Costa sobre a *Documentação necessária* a tal estudo, o de Luís Saia sobre o *Alpendre nas capelas brasileiras* e o de Paulo T. Barreto sobre o *Piauí e a sua arquitetura*.

Dois trabalhos portugueses – um deles escrito por João Barreira para as *Notas sobre Portugal*, publicadas por ocasião da exposição nacional do Rio de Janeiro; outro, pelo arquiteto Raul Lino e incluído na coleção de monografias para a seção portuguesa da Exposição de Sevilha, – encaram o problema de modo mais geral, ficando, embora, quanto à sua solução, nas incertezas das primeiras tentativas. São artigos de grande interesse para nós, não apenas pelas relações de parentesco que em tudo mantemos com o velho Portugal, mas, sobretudo, porque exploram esse mesmo gênero de pesquisas a que vimos nos referindo, e que será dentro em pouco um dos mais fecundos na história da arquitetura.

Raul Lino e João Barreira, porém, ficaram ambos girando em torno da mesma preocupação nacionalista: descobrir as características da casa portuguesa, tarefa extremamente difícil, senão impossível, sem o levantamento preparatório e minucioso de todos os tipos de habitação do país, através do tempo e das regiões geográficas. Entretanto, procedendo de maneira mais metódica, o Sr. João Barreira esboçou ligeiramente uma classificação, separando em grupos distintos as casas rurais do Minho, os palheiros do litoral, os “montes” do Alentejo, etc., analisando-os do ponto de vista de clima e exploração agrícola. O “monte” alentejano, por exemplo, “compreende a casa de habitação do proprietário e o conjunto de dependências onde se guarda a alfaia agrícola, se faz o queijo e se amassa o pão e onde repousam os serviçais, os malteses e o gado”.<sup>1</sup> É o tipo de construção adaptada às grandes propriedades rurais, onde se pratica a cultura extensiva e onde se emprega grande número de trabalhadores; é formação social bastante semelhante à dos núcleos rurais brasileiros que, com raras exceções, sempre foram (engenhos ou fazendas) vastos latifúndios. Engenhos e fazendas onde a vida se fechava numa limitação de espaço geográfico que as distâncias e a precariedade dos meios de transporte imperiosamente exigiam. É, em certo sentido, lastimável que o autor da *Habitação em Portugal* não tenha fornecido, sobre os tipos de habitação apresentados no seu estudo, informações mais minuciosas pelas quais pudéssemos ter uma compreensão mais nítida de cada tipo, sobretudo uma documentação fotográfica mais abundante e pormenorizada, pois, embora se verifique aí uma grande diversidade de clima e de natureza, de trabalho e de recursos técnicos, não é demais afirmar que a mesma realidade social aliada às forças de tradição e costumes que aqui chegaram transplantadas não trouxessem como resultado apreciável certas concordâncias de gosto, traduzidas em relações bem semelhantes de linhas e volumes. Quero crer que muitas velhas fazendas brasileiras, como outras que de outros tipos portugueses logicamente derivaram, muita coisa também ainda conservam dos “montes” alentejanos.

Dos núcleos rurais que se determinaram historicamente no Brasil, em diferentes regiões do seu território, o melhor conhecido até o presente é aquele que corresponde aos fatos econômicos um pouco enfaticamente designados, por alguns historiadores, como “ciclo do açúcar”. Nele a atividade arquitetônica se distribuía invariavelmente sobre um conjunto de três edifícios: Casa-Grande, Engenho e Senzala, a que freqüentemente se juntava também a Capela. O mais vasto de todos era o engenho, a fábrica propriamente dita, mas geralmente construída de maneira bem primitiva, com grandes esteios de madeira e pesado vigamento na cobertura; a casa-grande e a capela recebiam, quase na sua totalidade, um tratamento mais cuidado, chegando mesmo a certo grau de apuro estético, em que pese à simplicidade dos meios construtivos.

---

<sup>1</sup> João Barreira : *A Habitação em Portugal* – série “Notas sobre Portugal”, pág. 156.

A rigor não foi ainda realizado o inventário das propriedades rurais brasileiras e o seu levantamento tem sido conseguido de meras circunstâncias ocasionais, sem obedecer a qualquer plano de estudo ou pesquisa.

Apesar disso, a documentação coligida, ainda que bastante reduzida, já nos oferece uma perspectiva bem clara da orientação que se poderá tomar mais tarde em trabalhos mais sérios e definitivos.

Realizamos aqui, com as fotografias de que dispomos, e com o exame in loco de alguns desses estabelecimentos rurais, na maior parte situados no Distrito Federal, Estado do Rio, e poucos em algumas regiões de Minas, uma classificação inicial que servirá, cremos nós, de ponto de partida para pesquisas mais cuidadas.

A primeira classe<sup>2</sup> se caracteriza por um corpo de fachadas retangulares e de iguais dimensões, grande número de portas e janelas, de planta muito simétrica e em forma de U ou de um quadrado; as casas de fazenda do distrito de Campos são quase todas deste tipo, cuja forma parece transmitida pela primitiva instalação jesuítica, hoje conhecida pelo nome de solar do Colégio.

São geralmente edifícios de grandes proporções, às vezes com capela interna; e interno também, mas raramente, o próprio engenho, como o que foi, há pouco, desmontado no Solar do Visconde.

A segunda classe reúne casas rurais mais modestas, apresentando como principal caráter distintivo uma linha de fachada bem curiosa, obtida pelo prolongamento das duas águas principais do telhado; com alpendre ou sem ele – que, quando existe, é invariavelmente sobre esteios de madeira – apresentam um certa uniformidade na disposição de portas e janelas. Esse tipo revela processos construtivos mais primitivos e rudimentares do que os que foram empregados em todos os outros, parecendo pertencer a uma época mais remota. Quando não seja este um tipo primitivo no tempo, sê-lo-á pelo menos no espaço social.<sup>3</sup> As fazendas da ilha da Jibóia, de Japuiba, do Macuso e de Tanhagá são desse grupo.

A terceira classe é constituída de um outro conjunto de habitações rurais muito diferente do anterior, casas com uma fachada principal mais cuidada, com a parte central elevada em sobrado e duas alas laterais simétricas, com mais requinte no emprego das esquadrias, melhor acabamento na execução da alvenaria e nos revestimentos. Podem ser lembradas três fazendas desse tipo no Estado do Rio: São Bernardino, Santa Justa e Pilar, salientando-se a primeira pelo seu aspecto de nobreza e fidalguia. São tipos de construção mais recente.<sup>4</sup>

O quarto grupo dessa classificação, afinal, é aquele que constitui o principal objeto deste trabalho, e que se caracteriza de um modo geral por um corpo principal coberto por um telhado de quatro águas, terminando numa das fachadas em larga varanda: às vezes as fachadas laterais prosseguem em duas novas alas. A larga varanda da frente tem, como suporte do telhado, colunas de alvenaria de tijolo muito bem construídas, revelando pelo seu esmero de execução, terem sido a principal preocupação do projetista; essas colunas revelam ainda, pela sua freqüência em tantas fazendas, a existência de uma constância de gosto, de um nível

---

<sup>2</sup> O número ordinal nessa classificação não se refere à ordem cronológica nem tampouco a qualquer ordem no espaço. Figura aqui unicamente pela sua genuína essência enumerativa.

<sup>3</sup> Como “espaço social” considere-se não só o espaço real, onde se exercem as ações sociais recíprocas, e do qual Georg Simmel em relação a essas mesmas ações fixou certas qualidades restritivas, mas um espaço transcendente, definido pelo conjunto de atributos culturais que coexistem na sociedade. Uma posição mais primitiva nesse espaço corresponde a valores mais baixos desses atributos.

<sup>4</sup> Na zona suburbana da cidade de Recife era muito freqüente este tipo de casa do qual existe ainda alguns exemplares já um pouco modificados no seu aspecto.

estético ou pelo menos de uma moda, não apenas no sentido popular e corriqueiro do termo, mas quase na sua verdadeira significação de índice estatístico.

Foi a insistência desses alpendres, de tão agradável aspecto, surgindo a cada passo nas regiões agrícolas do Distrito Federal e Estado do Rio; foi o seu aparecimento no alto das colinas, entre árvores, abandonados ou em estado de quase ruína, que trouxe a nossa atenção despertada para a sua, no tempo, longínqua comunicação, para a sua linguagem quase esquecida, porém, legítima e comovida. São hoje conhecidos como casas de fazenda, mas teriam sido, na realidade, casas de engenho, pequenos engenhos d'água como os que ainda existem em desuso e desmantelados, à margem das estradas, engenhos como o do Bonfim, em Angra dos Reis, que, até bem pouco, ainda conservava intactas a sua roda e a sua calha de madeira<sup>5</sup>, e que, no complicado vigamento do seu telhado, nos comunica fielmente a história de uma atividade técnica e construtiva hoje apagada para sempre. São elas, essas casas de fazenda, a do Viegas, há bem pouco restaurada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a do Colubandê, a poucos quilômetros de distância de Niterói, com a sua capela de alpendre mencionada por J. A. Pizarro, em 1820, “como não possuindo muitos anos da existência”; a do Capão, de planta muito semelhante à de Colubandê; e, como esta, possuindo também varanda de colunas no pátio interno; a casa de fazenda recentemente descoberta nos arredores da Penha (Distrito Federal), já em estado muito precário de conservação; uma outra casa já demolida, de localização um pouco incerta, no Município de Niterói; pode-se ainda aqui acrescentar, embora tenha sofrido grandes reformas, a casa do Dr. Castro Maia, em Cabo Frio. Variando um pouco desse tipo, mas conservando o mesmo alpendre de colunas, que é o atributo dominante da classe, temos o Engenho d'Água em terras de Jacarepaguá, que ainda hoje faz reunir com o som do sino da sua capela os moradores das proximidades; uma velha casa de fazenda em Estrela, já desaparecida e de que só nos resta, como documentação, uma fotografia tomada de conjunto e de grande distância; uma casa situada no Porto do Velho, Niterói, já um pouco descaracterizada; e a velha casa recentemente descoberta, também em Niterói, no subúrbio das Neves, em estado muito próximo da ruína. Outros exemplares que poderão ser facilmente incluídos nessa mesma classe ou pelo menos numa classe de transição<sup>6</sup>: A casa da rua Rocha Miranda, na Tijuca, com a sua suntuosa escadaria e o seu pátio ladrilhado, hoje infelizmente quase inteiramente reformada; a casa de fazenda de Taquara, que atualmente se encontra com a parte central assobradada sobre arcarias, mas conservando dos lados os mesmos alpendres de colunas.

Agora para terminar a enumeração precisamos citar a casa-grande da antiga fazenda de São Bento, em Iguaçú, cujo histórico é feito neste mesmo número da revista por D. Clemente Maria da Silva-Nigra, que fixa a sua construção no período de tempo que vai de 1754 a 1760. Como é provável que este tipo de casa de alpendres não date de época anterior a 1750, é bem possível que a casa de Iguaçú tenha sido o seu primeiro modelo; basta que se compare a casa de fazenda de Colubandê com esta de São Bento para se constatarem semelhanças bem significativas nas proporções e na forma das colunas, na extensão da fachada principal e nas alturas de pé-direito.

Os autores portugueses, a que já nos referimos, estão ambos de acordo em considerar os alpendres e as escadas exteriores como as duas principais características da casa portuguesa; sem simplificar o caso até esse ponto, pensamos que, de fato, são esses os dois elementos

---

<sup>5</sup> Essas peças e outras semelhantes de há muito que deviam ter sido reunidas e guardadas em lugar seguro, podendo servir mais tarde à organização de um museu da técnica agrícola ou mesmo de um museu do Açúcar.

<sup>6</sup> Em vez de classe de transição talvez seja preferível chamar classe de intersecção (*Durchschnittsklasse*) de acordo com a definição de Reichembach na 'Introdução à Logística' do seu *Wahrscheinlichkeitslehre*.

construtivos que, pelo menos, para um período de tempo não muito remoto, fornecem não só à portuguesa, mas também à casa brasileira, o que elas possuem de mais peculiar na sua fisionomia. Nas casas que vêm sendo objeto desse trabalho têm as escadas uma importância não pequena. São todas construídas inteiramente de alvenaria, assentando pesadamente sobre o solo, às vezes vencendo terreno irregular, de níveis incertos e complicados. Estamos longe de encontrar nessas escadas a leveza e a elegância das de madeira, e muito menos os extraordinários recursos plásticos das modernas escadas de ferro e de concreto armado que dão às residências de hoje uma mobilidade de feição pouco singular. São escadas criadas sobre a própria terra acumulada, algumas providas de guarda-corpos toscos e espessos, mas quase sempre fazendo com o resto do edifício um acordo sincero e perfeito. Veja-se, por exemplo, a bela escada da fazenda do Capão: toda a massa do edifício surge a seu lado como uma conseqüente manifestação de sua força; ela não tem para com o edifício uma simples relação de coisa acessória, mas comunica ao conjunto uma impressão de integridade, de importância primária e de resistência. Guardam as mesmas proporções dessa escada do Capão as de outros tipos de casas como a da Fazenda do Realengo e a de Jacuíba ficando ambas, como aquela, em grande saliência sobre a fachada principal, e a sucessão dos seus numerosos degraus se incorporando ao conjunto produz um bom efeito decorativo. A rampa da Fazenda do Viegas é elemento de circulação da mesma espécie, disposto, porém, aí, em sentido contrário, ficando encostado à parede lateral da habitação.

Além desse, de um só lance e de pesados guarda-corpos, aparecem, nas casas que estamos estudando, mais dois ou três tipos de escadas: um deles se apresenta invariavelmente colocado a meio da fachada principal e é quase sempre de poucos degraus e com guarda-corpos ligeiramente ornados como na casa da rua Rocha Miranda. A esse tipo pode associar-se a já bastante alterada escada do Engenho d'Água e das casas do Porto do Velho e da Penha, esta quase inteiramente demolida.

Vale a pena citar como modelo acabado desse tipo, a pequena escada que dá acesso à capela da Fazenda da Posse, pois, ainda que esta não se inclua no tipo das fazendas aqui estudadas, com elas mantém um certo grau de parentesco pela forma do alpendre da sua capela.

A Fazenda do Colubandê possui escada de dois lances, apanhando lateralmente o alpendre, dispostos perpendicularmente um ao outro; dois lances possui a escada da casa de Niterói, mas estão paralelos à fachada.

Pelo que se disse até agora em matéria de escadas não se pode concluir por uma semelhança absoluta entre as diversas casas que compõem essa classe, mas, apesar disso, se constata que a variação é limitada a um grupo de três ou quatro tipos exclusivos.

Há, entretanto, uma diferenciação quase nula no que diz respeito ao alpendre; observa-se efetivamente, aí, uma permanência de certos efeitos de ordem técnica e arquitetônica na estrutura do telhado, na distância entre as colunas, nas dimensões e afastamento dos caibros serrados que nos dão a impressão de uma igualdade quase perfeita, de uma semelhança indiscutível no próprio ritmo fácil e bem medido. Não há a menor dúvida de que esses alpendres receberam influência dos claustros franciscanos: basta compará-los com o convento da Bahia para se obter do confronto uma igualdade inequívoca: – são as mesmas colunas, os mesmo caibros serrados, as próprias dimensões são quase idênticas. Aliás, a origem desses alpendres está muito distante no tempo. Já no século XV, no palácio Strozzi ele existia sobre colunas de capitéis corintos e repousando sobre meias tesouras.

A identidade, entre a parte superior dos claustros franciscanos e os alpendres desse tipo de casa rural, é quase absoluta; a influência exercida sobre estes por aqueles é indiscutível, mas, que espécie de influência teria sido? Teriam os claustros franciscanos servido de modelo à construção beneditina de Iguazu? Essa influência se teria manifestado através das reações de

ordem estética sofridas por algum arquiteto ou mestre de obra diante do ambiente de calma e boa ordem arquitetônica desses claustros de convento? Ou apenas motivada, pelas mesmas circunstâncias funcionais e de técnica construtiva? Ou, ainda, no caso brasileiro, seria mera sugestão de certas casas portuguesas como a das Torres ou a d'Água dos Peixes? É difícil de responder. Na trama excessivamente complexa desse fenômeno atuam fatores materiais e espirituais de importância tão diversas, que, dentro do conceito de ciência histórica o menos imperfeito não é possível fixar com clareza os seus limites.

Do ponto de vista arquitetônico esses alpendres oferecem, no entanto, vários aspectos que se podem registrar com muita nitidez; além daquele, já mencionado e fornecido pela disposição bem alinhada dos caibros serrados – que é, em última análise, uma outra representação de um ritmo já conhecido e muito freqüente nas nossas velhas moradias, pois é o ritmo simples das reixas, gelosias e de certas balaustradas de madeira – há, sobretudo, a forma da própria coluna e dos seus capitéis que podemos analisar detalhadamente. Por meio de ligeiros desenhos serão acentuados os seus pormenores.

Há colunas de fustes perfeitamente cilíndricas, como as de Engenho d'Água e as da casa de Niterói, e de fustes troncônicos onde não há mais vestígios de galbo, maciços e robustos em Viegas ou delgados e graciosos em Colubandê, ou, ainda, numa média entre os dois, como na velha Fazenda da Penha. Do tipo clássico, perfeitamente galbado, só há um exemplo, o da casa da rua Rocha Miranda, na Tijuca.

Os capitéis, variando quase todos do mesmo tipo toscano, apresentam ligeiras diferenças que lhes dão um certo caráter individual dentro da forma específica originária: acompanham a mesma forma circular das colunas, os da fazenda do Viegas e os da casa de Niterói, que neste ponto se assemelham: assim modernizados esses capitéis dão às colunas uma expressão mais igual, mais lógica e mais coerente. Em Colubandê, Taquara, etc., as modificações do capitel toscano são menos decisivas, resultam de dimensionamentos diversos do ábaco, da presença ou ausência do ouriço, conservando, todavia, invariavelmente, o astrágalo. No Engenho d'Água encontra-se, porém, um capitel que muito difere de todos os outros: tem o sino em forma de tronco de cone lembrando vagamente os capitéis de origem românica ou mourisca: o fuste cilíndrico que o suporta contribui bastante para essa semelhança.

Excetuando um ou outro tratado de maneira mais grosseira, como o da casa do Porto do Velho, esses capitéis são, no geral, muito bem executados, e aliás toda a coluna é objeto de um acabamento especial, usando-se para a sua fatura, tipos adequados de tijolos. Das colunas, somente os da Fazenda do Viegas não possuem base, repousando, como as dóricas primitivas diretamente sobre o stilobato.

E eis aqui um exemplo excelente desse lento trabalho de deformação por que está sempre passando a forma artística mesmo quando esta fica reduzida a uma norma tão estrita como um capitel toscano; à reação do artista não erudito todo o preceito se anula para só sobreexistir a liberdade da força de representação que é intuitiva e fecunda; o capitel da fazenda do Viegas é uma documentação viva dessa liberdade de expressão, dessa fantasia em modificar e acentuar contornos e linhas de uma determinada forma já aceita e conhecida: nele o ábaco, perdendo a aspereza das linhas retas assume a forma circular, ao mesmo tempo em que o ouriço se desenvolve estranhamente comunicando à robustez das colunas uma atitude mais calma e equilibrada.

A importância desses capitéis e colunas em Viegas se torna muito clara quando se toma um ponto de vista no interior do edifício: enquadrando o largo vão, recorta-se o lineamento das colunas fornecendo moldura de grande efeito para os trechos de paisagem exterior, de horizontes recuados e livres; a própria profundidade dessas varandas tem o propósito de favorecer esses efeitos agradáveis de visão.

A varanda é inegavelmente o que há de mais atrativo nessas casas de fazenda, o seu ornato principal e quase único, por isso esse cuidado especial que sempre lhe foi dispensado pelo construtor ou pelo proprietário; além das colunas com o seu beiral corrido e simples que, como já acentuamos, são sempre muito bem acabadas, as varandas possuem, às vezes, peitoris em forma de alegrete ou pequenos canteiros de flores entre os quais se intercalam bancos de alvenaria revestidos de tijolos.

Todo o edifício, porém, que fica além da varanda, é de grande simplicidade construtiva, tem esquadrias modestas e revestimentos de material pobre; há, entretanto, alguns forros cuidados e, às vezes, também alguns elementos decorativos ou de efeito decorativo como a janela de reixas da casa de Viegas e o interessantíssimo vigamento de uma das dependências dessa mesma casa; há mesmo certo emprego de azulejos como os que ornaram os espelhos dos degraus da escada externa em Engenho d'Água.

Mas, como ficou dito, o corpo principal da casa é sempre de feição bastante sóbria e rústica, de um evidente primitivismo de meios construtivos, simples pilares de alvenaria compõem a estrutura do edifício e suportam o peso da cobertura, estrutura quase aparente e por isso mesmo de uma honestidade e pureza admiráveis.

Essa simplicidade de estilo, essa modéstia de recursos técnicos não se distribuíam, entretanto, com absoluta igualdade entre as outras construções que outrora serviam às comunidades rurais. Dos quatro elementos essenciais que compunham, do ponto de vista arquitetônico, essas comunidades (pelo menos nos limites do nosso assunto), quase nada se pode dizer dos engenhos e das senzalas que foram demolidos sem deixarem vestígios maiores do que simples fragmentos de alicerces aflorando aqui e além: – das capelas, sim, há bastante para se julgar do grande alcance de visão estética de alguns proprietários de fazenda; a capela de Colubandê, por exemplo, nos dá uma amostra do mais apurado senso artístico do homem que a mandou construir: o seu lindo retábulo em talha de madeira dourada ainda existe, muito estragado, é verdade, mas conservando o essencial para se avaliar da sua esmerada execução; também ainda existem os panos de azulejos com painéis de figuras que cobrem as paredes laterais da pequena capela-mor, azulejos de muito boa fatura e de desenho perfeito, aparecendo como um índice da importância que tinha para a família do fazendeiro e seus aderentes aquele pequeno templo. Por esse só exemplo da capela de Colubandê se verifica que a própria casa de habitação não era objeto de tantos cuidados, pois nesta mesma fazenda o contraste entre capela e casa-grande, entre os preciosos azulejos e as paredes nuas e desprovidas de ornatos desta última, é indiscutível e flagrante.

Aliás, essa capela de Colubandê deve ter granjeado fama em toda a província, de outro modo não viria citada, entre outros, pelo cronista do último século, José de Souza Azevedo Pizarro e Araújo.

Observações de natureza mais objetiva do que as que até agora podemos ainda fornecer sobre essas capelas de fazenda – observações, aliás, digamos de passagem, não privativas dessa classe especial de casas – agora tratadas – são precisamente aquelas que decorrem de situação e forma dessas capelas. Desde o modesto oratório situado no interior da casa-grande, que era um simples lugar de oração muito íntimo e reservado, até a capela externa afastada da casa, com campanário, nave e capela-mor, há disposições e arranjos diversos, mas para os quais se pode bem descrever uma certa linha de evolução. Nas fazendas que aqui estudamos, há três maneiras diferentes de associar a capela à casa-grande e que são, dentro da linha geral dessa evolução, três posições bem significativas: No Engenho d'Água ela está ocupando uma parte da varanda afeiçoada particularmente para isso, criando-se mesmo uma pequena modificação de telhado. Esta disposição exprime já uma finalidade mais ampla do que a da capela localizada mais internamente no edifício, facultando assim aos empregados de fora, isto é, aqueles que

não compartilhavam da intimidade da casa-grande, a assistência aos diferentes atos religiosos que porventura ali se realizavam. A capela ficava assim com um elemento indispensável de ligação entre patrões e trabalhadores; por outro lado, continuava sendo uma parte integrante da casa, com ela se comunicando sob o mesmo teto. É freqüente essa maneira de associação em outros tipos de casa de fazenda como, por exemplo, na Fazenda Garcia, em Petrópolis, para citar somente uma.

Na casa de Viegas a capela já se desligou inteiramente do edifício da casa-grande, mas ficou ao seu lado em situação muito próxima, mantendo com ela uma comunicação ainda muito fácil e apresentando uma linha de fachada de grande simplicidade.

Por fim, em Colubandê, a capela fica bastante afastada da casa grande, possui torre, nave, capela-mor e sacristia, isto é, todos os requisitos de uma pequena igreja, em torno da qual há um largo pátio que é sempre ornamentado em dias de festa. Este é o último estado de desenvolvimento da capela das casas rurais, aquele em que ela atinge o máximo da sua independência, funcionando quase como uma pequena igreja de povoado.

Se esta evolução da capela corresponde a uma ordem cronológica não é fácil de afirmar ou de negar, isso ficará dependendo de pesquisas ulteriores, mas o que não se pode absolutamente recusar, é o fato delas se sucederem, do ponto de vista da sua forma, como verdadeiros elementos de uma série de entidades construtivas possuindo entre si pontos de contato.

Observa-se, então, que a capela, na sua passagem do interior da casa-grande para o exterior, fica instalada num recanto da varanda, que é então utilizada como nártex e não é absurdo admitir-se que, ao descer da varanda para se colocar ao largo da casa, tenha levado consigo a necessidade de alpendre; neste caso, apesar da excelente documentação do Sr. Luís Saia, no seu artigo já citado, ser toda ela verdadeira, isso de modo algum invalida a possibilidade de uma redescoberta, e assim pode-se muito bem aceitar, em alguns casos, bem se vê, a sugestão do Sr. Gilberto Freyre de que as capelas tenham herdado o seu alpendre das casas-grandes.

É possível, portanto, que em algumas casas rurais ou casas de engenho, os alpendres das capelas tenham sido provenientes da própria função original de nártex a ele atribuído sem o conhecimento de capelas semelhantes mais antigas e existentes em outros lugares; isto é, para me tornar bem claro, que a redescoberta do alpendre nas capelas se tenha dado, em alguns lugares, pela mesma necessidade que o fizeram descobrir e executar naquelas capelas.

Não nos foi possível fazer o levantamento topográfico de todas essas casas rurais, as suas plantas não poderão ser aqui examinadas em conjunto, faremos então apenas uma análise das três únicas de que dispomos: a de Colubandê, a do Engenho d'Água e a do Viegas.

O que se tem a observar logo à primeira vista em Colubandê é a presença de grandes áreas alpendradas: além da grande varanda da frente, há uma outra em torno do pátio interno que serve de circulação entre as peças das duas alas externas; é uma varanda também sobre colunas. A planta em forma de U nos mostra uma distribuição de salas e quartos que não são certamente os primitivos, mas, é possível que as modificações não tenham sido muito profundas, assim, a existência daquela sala central dando para a varanda como o local mais nobre da casa já faria parte da primeira distribuição.

Esta mesma sala se encontra também em Viegas e Engenho d'Água, aliás, é o único ponto em que coincidem as três plantas. Em torno dela vão se desenvolvendo as outras peças da casa, quase sempre de áreas muito reduzidas e dispostas simetricamente ao eixo do edifício.

A planta de Colubandê olhada do ponto de vista atual é a mais perfeita de todas, embora obedeça ao mesmo programa de habitação rural; a de Viegas é a mais imperfeita, com uma série de quartos sem luz e sem ar, com circulação defeituosa e incômoda.

De tudo quanto dissemos linha acima sobre as casas de fazenda do Distrito Federal e do Estado do Rio queremos apenas salientar que, embora este trabalho se ressinta de uma

documentação pouco estendida, todavia apresenta no seu conjunto um certo sentido de ordem que poderá ser aproveitado em estudos mais generalizados sobre as nossas casas rurais. Nota-se, por exemplo, que houve em determinada época, entre os fazendeiros e proprietários agrícolas das proximidades da capital do país, uma predileção acentuada pelos alpendres de colunas de alvenaria, ornadas de capitéis toscanos e que para isto teria influído a instalação agrícola dos beneditinos na baixada fluminense; influência a que não deveria ter sido alheio o processo construtivo usado nos claustros franciscanos.

Essa predileção, esse ritmo de apreciação estética que dominou a coletividade agrícola dessa região, é um exemplo de arquitetura civil encarada como arquitetura de um grupo fixado no espaço e no tempo, fazendo parte de uma família ou “campo” mais geral que poderá envolver toda a atividade colonial brasileira.

O revelo bem merecido que estamos dando nestas páginas a essas casas de varanda resulta de duas considerações que é bom registrar: a primeira provém de serem elas as que estão mais próximas do núcleo mais habitado e de meios de comunicação mais fácil, daí oferecerem maior possibilidade de levantamento e inventário; a segunda, de serem um dos tipos mais interessantes até agora conhecidos do país; apesar de estarem ligadas a um gosto espontâneo e popular e de nada se saber dos autores dos seus riscos, a estas construções não faltava a marca inconfundível da boa arte de projetar.